

IBRAHIM AL-KONI
O TUMOR

TRADUÇÃO **MAMEDE JAROUCHE**

Tablea.

Nota do tradutor	7
A túnica	13
A boa-nova	28
O comunicado	40
Os dois camaradas	57
O oásis	65
O Líder	73
O pecado	79
A presa	87
O corpo	103
A negociação	115
O interrogatório	125
A vítima	137
O amigo íntimo	144
O retiro	153
O tumor	160
A verdade	168
O sarcófago	177

Nota do tradutor

Nesta pequena e densa novela, Ibrahim Al-Koni utiliza a língua árabe de maneira primorosa para retratar uma sociedade primitiva, nem árabe nem muçulmana, cujos personagens têm nomes estranhos para os padrões dessa língua. Trata-se, na realidade, do mundo desértico dos tuaregues, etnia do grupo berbere à qual pertence o autor. Embora essencialmente clássica, a linguagem de Al-Koni tenta se afastar de certas significações sedimentadas pela tradição cultural muçulmana, a qual, por motivos históricos sobretudo conhecidos, é a linha dominante na língua árabe. (A título de curiosidade, note-se que a palavra *Allah*, “Deus”, não aparece uma única vez no texto.) Nesse sentido, pode-se dizer que estamos diante de um árabe sintaticamente clássico, mas que, semanticamente, se viu obrigado a buscar conceitos introduzidos nessa língua em um período mais tardio. Tendo isso em vista, nem sempre foi pacífica a busca de equivalências, uma vez que o autor deu um sentido bastante singular a termos como “lei” (*namus*), “pecado” (*khati’a*), “sucessor” (*khalifa*), “véu” (*hijab*), “mandamentos” (*wisaya*), “dádiva” (*’atiyya*), “líder” (*za’im*), “invisível” (*khafa*), “gênio” (*jinni*), “gerações” (*ajyal*), “vestimenta” — ou “túnica”, ou “presente” — (*khul’a*), “amo” — ou “patrão” — (*mawla*), “solidão” — ou “isolamento” — (*uzla*), entre tantos outros, o que provocou algumas dificuldades aqui e acolá.

*E se acaso o teu Deus disser aos arcanjos:
“Colocarei na terra um líder”, eles dirão:
“Porventura vais colocar nela alguém que a
corrompa e faça verter o sangue, enquanto
nós oramos em Teu louvor e Te glorificamos?”,
e Ele dirá: “Eu sei o que vós não sabeis”.*

ALCORÃO 2, 30

*Não ameis o mundo nem as coisas do
mundo. Se acaso algum dentre vós amar
o mundo, não terá o amor do Senhor.*

PRIMEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO 2, 15

A TÚNICA

Assanai acordou após a sesta e constatou que a vestimenta de couro se grudara em seu corpo. Lembrou-se de ter adormecido sentado no tapete, vestido com a imponente túnica, ele que nunca deixava de tirá-la assim que o sono o acometia ou que se preparava para dormir, enrolando-a sempre com o maior cuidado antes de colocá-la em seu invólucro. Limpava-a dos grãos de areia com a palma da mão ou assoprando-os com a boca, ou até mesmo lambendo-os com a língua; não a deixava repousar no interior do invólucro senão depois de enrolá-la em outro pano feito de seda crua. Jamais ocorreria, contudo, que suas energias o traíssem e o sono o derrubasse enquanto ele ainda estava usando a vestimenta. Estaria grudada por efeito do suor que lhe escorria do corpo aos borbotões, viscoso, grudento, toda vez que se entregava ao sono? Se o motivo for o suor, então a água é o antídoto.

Porém... como poderia utilizar a água para libertar o corpo da roupa sem causar algum dano a tão majestosa túnica?

Gritou pelos criados alto e bom som, sem se esquecer de lançar algumas imprecações contra esse rebento da traição, o qual se chama, na linguagem das tribos, “sono”!

Entrou então um grandalhão de cabeça descoberta, cabelo crespo, lábios carnudos, narinas enormes. Curvou-se na entrada antes de gaguejar:

— Meu amo!

Ele o repreendeu com vigor:

— Já lhe disse inúmeras vezes que neste mundo não existe amo senão o meu e o seu amo, provedor tanto do meu bem-estar como do seu bem-estar: o Líder!

O grandalhão gaguejou:

— Perdão, meu...

Corrigiu-se um instante antes de acrescentar a palavra “amo” num sussurro. Assanai gritou:

— Traga-me água! Não está vendo o que o detestável suor fez com a vestimenta do meu e do seu amo?

O escravo fez menção de sair, mas Assanai o interrompeu:

— Ou será que você conseguiria me livrar desta vestimenta sem usar água? Venha, me ajude!

O homem retrocedeu, parando diante de seu patrão. Agarrou a túnica pela parte superior, coroada com uma pele valiosa semelhante à da raposa, embora todos afirmassem que ela não tinha nenhuma relação com a raça das raposas. Puxou a pele com força e Assanai soltou um gemido de dor. Berrou:

— O que você está fazendo comigo, desgraçado? Quer me arrancar o ombro?

O grandalhão se curvou ante o senhor, quase lhe tocando o ombro. Assanai o repreendeu:

— Afaste-se, desgraçado! Não está vendo que vou desmaiar por causa do cheiro das suas axilas?

O escravo se afastou um passo. Suas órbitas vermelhas reviraram-se dentro dos olhos como se fossem as de um camaleão, depois ele balbuciou:

— Receio que eu não consiga ajudar o meu amo!

Assanai lhe dirigiu um olhar de espanto:

— O que está dizendo, seu rebento de mau agouro?

O grandalhão soltou um suspiro prolongado antes de se pôr em pé. Disse:

— A túnica se fundiu com a pele, meu senhor!

Assanai examinou seus braços com atenção: a valiosa vestimenta, de fato, estava grudada neles. Perscrutou o braço, e eis que pedaços de pele estavam inteiramente fundidos a ele, até o fim do pulso. Aquelas encantadoras costuras forjadas com pedaços de pele enfeitados com fios de ouro haviam desaparecido na tessitura de sua pele, tornando-se parte dele mesmo; em seu braço, as únicas regiões desnudas eram as palmas das mãos e os dedos. Apalpou a túnica na altura do peito e descobriu que também ali ela se fundira à sua pele. Tentou desabotoar os botões de ouro que pendiam da gola até o umbigo e deixou escapar um grito de dor: os botões haviam brotado na pele de seu corpo, como se a imponente vestimenta houvesse desaparecido, afundando-se em sua carne; não lhe restava senão se empenhar na procura de feiticeiros, se acaso quisesse desfazer aquela odiosa armadilha.

Mandou chamar o feiticeiro.

O homem chegou envolto em negro da ponta da cabeça aos pés. Era muito alto. Traços severos. Estrutura esbelta. Pele cor de cobre. Pupilas vazias.

Rendeu-se diante do homem, que o rodeou longamente. Apalpou os pedaços de couro fundidos à carne. Puxou a pelagem em torno do pescoço. Examinou a triilha percorrida pela túnica por todo o corpo. Enfim, suspirou com força e se sentou de pernas cruzadas na esteira, encarando a vítima. Assanai foi lendo sua própria desgraça naqueles olhos, até que o feiticeiro pronunciou sua elegia:

— Devo confessar que se trata de um feitiço de tipo peculiar!

Assanai fitou por algum tempo as pupilas vazias, controlando uma angústia avassaladora, depois indagou:

— O que posso entender dessa sua declaração?

O vazio das pupilas no olhar do feiticeiro não se deslocou, e tampouco seu corpo se mexeu. Ele disse com indiferença:

— Tudo o que eu quis dizer é que não conheço nada semelhante a esse feitiço aqui na região dos oásis!

Assanai se calou por instantes, lançando olhadelas furtivas a seu hóspede e distraíndo-se a acariciar os pedaços de pele que agora haviam se tornado uma pele sobre a sua própria pele. Disse:

— Será razoável supor que se trate de cilada perpetrada por alguma criatura?

O vazio nas pupilas do feiticeiro sumiu, sendo substituído pela obscuridade. Disse com frieza:

— Posso ter certeza de que se trata de uma cilada, mas não posso estar certo de que tenha sido perpetrada por alguma criatura!

Assanai o contemplou longamente. Perguntou, sorrindo:

— O que você quer dizer?

O feiticeiro respondeu de imediato:

— Quero dizer que as ciladas são de várias espécies. A espécie preparada pelas criaturas é mais suportável do que a dessa espécie!

Com um lampejo de curiosidade nos olhos, Assanai gritou:

— O que está dizendo?

O feiticeiro retardou-se um pouco a responder:

— A cilada do criador das criaturas é um milhão de vezes pior que a cilada das criaturas do criador!

Assanai permaneceu calado. O feiticeiro o interpelou:

— Você afrontou o Invisível de algum modo?

Assanai olhou para ele com curiosidade e em seguida baixou a cabeça para responder:

— Não me lembro de ter afrontado propositalmente o Invisível, muito embora aquele que o destino encarregou de ser responsável pelos destinos do povo deva imperiosamente ter cometido algum delito contra a divindade oculta, queira ou não queira!

O feiticeiro tartamudeou:

— Verdade.

E acrescentou:

— Contudo, seria bom que você se lembrasse de todas as ocasiões!

Assanai lançou-lhe um olhar implorando socorro, como à espera da pena de talião. Murmurou:

— Não cometi pecado algum!

O feiticeiro, porém, foi inclemente:

— Todos nós cometemos pecados a cada passo que damos, e não um pecado apenas!

O lugar-tenente para os destinos do povo deu um sorriso doloroso. Disse, sem erguer os olhos, fixos na esteira:

— Eu disse que não me lembrava de haver perpetrado um pecado contra os céus, a não ser, talvez, que alegrar as mulheres do oásis no leito seja algo digno de um castigo tão odioso como este!

No entanto, o feiticeiro não correspondeu à pilhéria. O vazio voltou a dominar suas pupilas. Disse, com sua familiar arrogância:

— Deixe de lado os abraços às mulheres e fale-me sobre o amor!

Da boca de Assanai escapou uma risada. Gritou:

— Por acaso, na tradição dos feiticeiros, abraçar as mulheres não é amor?

O feiticeiro respondeu com frieza:

— Exatamente! Na tradição dos feiticeiros, abraçar as mulheres não é amor!

Depois de olhar para ele com espanto, Assanai corrigiu:

— Ah! Acabei de me lembrar que vocês chamam essa ação de desejo!

O feiticeiro gritou:

— Muito bem!

E aduziu:

— Você alguma vez amou, meu caro lugar-tenente para os destinos do povo?

Assanai calou-se por instantes, depois balbuciou com uma voz que parecia um sussurro:

— Sim. Amei. Amei a túnica do Líder como nunca amei nada neste meu mundo!

E soltou uma risada suspeita. Uma risada que retumbou pelo recinto com tamanha força que fez os criados acorrerem. Assanai os dispensou com um gesto e se pôs a limpar as lágrimas com o dedo indicador, enquanto o feiticeiro pronunciava palavras semelhantes às profecias dos sacerdotes:

— Quem ama algo se torna parte dele!

Assanai ergueu a cabeça para seu intimidante interlocutor, e o feiticeiro repetiu a expressão após introduzir um ajuste:

— Quem ama algo mais do que se deve torna-se parte dele, queira ou não queira!

Assanai contemplou o feiticeiro longamente. Era um velho cor de cobre, magro ao extremo, a ponto de os ossos saltarem de cada parte de seu corpo; aquela brancura invadindo os olhos emprestava às pupilas uma semelhança com os olhos dos cegos, que levam quem os frequenta a supor que os estão encarando nos olhos, ignorando que eles não contemplam senão o vazio.

Assanai disse:

— Não quero que os inimigos debochem de mim!

O feiticeiro o olhou com as pupilas vazias. Cochichou como se desabafasse um segredo:

— Se você não deseja o deboche dos inimigos, não lhe resta senão fazer promessas generosas!

Assanai pediu esclarecimentos aos sussurros, como se temesse ser ouvido:

— Ser generoso nas promessas?

Um sorriso se esboçou nos lábios do feiticeiro. Grunhiu:

— Jamais seremos livres, meu amo, se não entregarmos aquilo que desejamos mais do que se deve como oferta ao Invisível!

Assanai vociferou:

— O que você quer dizer?

O feiticeiro, porém, respondeu à pergunta com outra pergunta:

— Você não consegue renunciar à túnica?

Assanai replicou com estranheza:

— Renunciar à túnica?

O feiticeiro disse com a fisionomia gélida:

— A renúncia voluntária àquilo que se tornou nossa propriedade é mais fácil do que tê-lo arrancado à força!

Um sorriso de menosprezo se desenhcou nos lábios de Assanai. Disse:

— Estou a ouvir um feiticeiro ou um adivinho?

— O feiticeiro pode tomar emprestada a língua do adivinho, e o adivinho, a língua do feiticeiro, pois ambos são moldados pela mesma argila desértica, meu amo!

— Fala-se que essa troca de línguas ordinariamente prenuncia algo ruim!

O feiticeiro se calou por instantes, depois surpreendeu seu anfitrião com uma pergunta:

— Porventura meu amo amou a túnica mais do que devia?

Assanai escondeu um sorriso ardiloso. Também respondeu à pergunta com outra pergunta:

— Acaso já existiu neste imenso deserto uma só criatura que não tivesse pela túnica um amor extremado?

O feiticeiro, entretanto, deu um sorriso enigmático e contrapôs:

— O perigo não está em amarmos a dádiva, e sim em amarmos a dádiva mais do que ao doador!

— O que está querendo dizer?

— Quero dizer que a desgraça não está em amarmos a túnica, e sim em amarmos a túnica mais do amamos o dono da túnica!

O rosto de Assanai foi invadido pela palidez. Pronunciou-se com o entusiasmo de quem nega uma acusação contra si:

— Nosso amor pela dádiva não é senão uma expressão de nossa imensa gratidão ao doador!

— Ter gratidão imensa por algo dado é uma coisa, e ter amor é outra coisa, meu amo!

— Como vocês querem — ó sociedade dos sábios — que amemos alguém sem expressar nosso amor a uma dádiva por ele concedida ou a uma benesse que ele nos tenha outorgado?

Traços de severidade invadiram a fisionomia do feiticeiro, e os ossos de suas bochechas ganharam mais proeminência e nudez. Disse num tom desafiador:

— Expressamos nosso amor ao doador sendo austeros em relação à dádiva!

Da boca de Assanai escapou um riso. Expressou-se:

— Tolice!

Por fim, engolindo o riso, balbuciou:

— Você pretende que eu renuncie à túnica em favor de alguns canalhas que enchem as ruas deste oásis com sua gritaria oca apenas para expressar à Sua Alteza, o Líder, a minha gratidão por uma dádiva que ele me concedeu?

O feiticeiro argumentou com teimosia:

— A renúncia àquilo que de mais caro lhe caiu nas mãos é a única via para expressar o amor!

Assanai o encarou com olhos coléricos e disse, ofegante:

— Você ama o Líder?

O feiticeiro murmurou envergonhado:

— Sim!

— Você renunciaria a seu filho em favor do Líder para expressar o seu amor?

O feiticeiro se calou por instantes. Cerrou os olhos protegidos pela barreira do vazio e disse:

— Os filhos não constituem um espólio que possuímos, por esse motivo não considero que tenhamos o direito de sacrificá-los para expressar qualquer amor que seja!

Assanai bufou com satisfação. Expressou sua vitória com um grito de êxtase:

— Está vendo?

Nesse momento, o feiticeiro o interrompeu com um gesto:

— Apesar disso, eu não me furtaria nem mesmo a dar meus filhos se acaso eu tivesse certeza de que Sua Alteza, o Líder, necessitasse de tal sacrifício!

— Devagar! Devagar! O que você quer dizer com o Líder necessitar de sacrifícios?

O feiticeiro hesitou antes de esclarecer:

— O que eu disse foi que não me furtaria, se eu tivesse certeza...

— E qual o sentido desse “se eu tivesse certeza”?

Após uma trégua de silêncio, o feiticeiro tartamudeou:

— Somente a certeza, meu amo, serve de argumento para justificar a renúncia aos filhos, não obstante eles sejam as únicas criaturas que não vêm a este deserto para as sacrificarmos, e sim para nos sacrificar!

Assanai se calou. Devaneou por instantes e disse:

— Jamais pensei, um dia sequer, que o Líder pudesse ter necessidade do meu amor! Se eu tivesse certeza...

Assanai se calou. Bufou, soprando o ar com vigor, enquanto o feiticeiro dizia:

— Nós não devemos amar o Líder porque ele nos ama (pois isso seria uma troca em nada diferente das negociações nos mercados). Devemos, isto sim, amá-lo porque tal amor é uma obrigação sobre os nossos ombros!

Assanai murmurou, ausente:

— Jamais neguei isso, muito embora eu tampouco negue que não sei como expressar minha gratidão a ele!

— A gratidão é o reconhecimento por uma dádiva, e jamais foi amor, em tempo algum!

Uma calma predominou até Assanai pular como quem descobriu um tesouro:

— Muito bem! Quer a verdade? A verdade é que eu nunca, em tempo algum, tive a certeza de que este presente do Líder foi, desde o primeiro dia, um sinal de amor!

O feiticeiro se calou por um instante. Manteve-se cabisbaixo, e a ponta de seu véu desceu até tocar na esteira. Disse:

— O presente é uma túnica, e essa túnica não passa de um casaco vazio que deve ser preenchido por quem o recebeu, e não por quem o deu!

Assanai se inclinou na direção do feiticeiro para murmurar uma pergunta:

— O que você quer dizer?

— Eu quero dizer que a túnica não passa de um casaco forjado com peles, ou seja, que ele, na origem, não consiste em bem nem em mal e que a lição é dada por aquilo que fazemos com o poder que o casaco nos dá!

Assanai gaguejou, desviando o rosto:

— Não fiz, com o poder que ele dá, senão o que se deve fazer!

O feiticeiro balbuciou, enquanto lançava a seu anfitrião um furtivo olhar de dúvida:

— Isso é o que você afirma!

Assanai lançou-lhe um olhar colérico. Gritou:

— Explique-se!

O feiticeiro hesitou. Disse, mantendo-se cabisbaixo:

— Não o farei antes que meu amo me conceda garantia de vida!

Assanai olhou para ele com curiosidade. Interpelou:

— E desde quando feiticeiros do deserto mendigam garantia de vida às autoridades?

— Meu amo se esquece que estamos num oásis, e não no deserto!

— Acaso o oásis não é parte indivisível deste deserto?

— De modo algum, meu senhor, de modo algum! O oásis é uma parte que se dividiu do deserto desde aquele tempo remoto em que se tornou um oásis cercado de muralhas!

O lugar-tenente para os destinos do povo vociferou:

— Muralhas, muralhas! Não sei por que as línguas fizeram das muralhas uma maldição, como se fossem montanhas compactas e não meras construções de pedregulhos da terra!

— O fato de as muralhas consistirem em paredes feitas de pedregulhos não as livra do pecado de serem uma fortaleza!

O responsável Assanai disse em tom condenatório:

— Você disse pecado?

O feiticeiro se calou por instantes antes de se atrever à resposta:

— Sim. As fortalezas são um pecado, meu amo!

— Espantoso!

— Não fosse esse pecado, a dádiva não teria extraviado o nosso amo, conduzindo-o por esse caminho que circula em todas as bocas!

Assanai se agitou no lugar em que estava sentado. Olhou para o hóspede como se lhe percebesse a presença pela primeira vez. Disse, hesitante:

— De qual caminho você está falando?

O feiticeiro lhe lançou um olhar ainda mais vazio do que os anteriores. Disse:

— Eu suponha que você me daria garantia de vida!

Predominou um silêncio, após o qual Assanai se corrigiu:

— Sim! Eu lhe concedo garantia de vida com a condição de você não me falar à maneira do vulgo ou dos inimigos!

O feiticeiro se encolheu em si mesmo como um porco-espinho. Em seguida, esfregou as mãos, pois não sabia o que fazer com elas. Emitiu um gemido antes de dizer:

— A verdade é que não sei por onde começar!

Assanai não pronunciou uma palavra, talvez para evitar alguma tolice, talvez pela ansiedade de apanhar a profecia da boca do sábio. O feiticeiro disse:

— Não é necessário recordar ao nosso amo a natureza maligna da dádiva, pois a história dela no deserto corre por todas as bocas, e por isso a abstenção foi sempre a mais potente arma utilizada pelos ancestrais para anular seus efeitos malignos!

Como Assanai se aferrasse ao silêncio, o feiticeiro acrescentou:

— Os adeptos da solidão a compararam à paixão, a qual nos extravia quando a satisfazemos e nos socorre quando a reprimimos! O que terá feito o nosso amo com esse tesouro?

Assanai continuou a observá-lo com uma curiosidade suspicaz, como se o feiticeiro tivesse se transformado repentinamente num ser mitológico saído de alguma fábula desconhecida. O feiticeiro aduziu:

— A túnica o sequestrou e lhe deu a pior das utilizações, ao invés de você a sequestrar e lhe dar a melhor das utilizações!

O lugar-tenente para os destinos do povo se agitou e, dominado pela palidez, sua bochecha direita estremeceu com violência. Parecendo haver notado o mal em sua fisionomia, o feiticeiro tartamudeou:

— Posso contar com um resto de garantia de vida?

Assanai rosnou:

— Não lhe dei garantia de vida para que você despeje em meus ouvidos a conversa mole do vulgo nem os argumentos dos inimigos, então cuidado!

Colocou-se de pé tremendo, agitado, e o feiticeiro também ficou em pé. Pararam um diante do outro, numa acareação tensa. O feiticeiro retrocedeu para se retirar, mas o homem da túnica o perseguiu:

— Você está iludido se imagina que poderá me convencer da correção dos seus mandamentos de renunciar àquilo de que já tomei posse!

E puxou com violência a parte inferior da túnica para descobrir qual seria o resultado, mas se encolheu soltando um grito de queixa e dor!